

POLÍTICA

15 Podem vir medidas amargas, avisa FHC

Carajás (PA) — O presidente Fernando Henrique Cardoso avisou ontem, em um discurso de 45 minutos, que para garantir o Plano Real adotará todas as medidas necessárias, "ainda que amargas".

Diante dos governadores da Amazônia e convidados que se encontravam em Carajás, cidade paraense da Companhia Vale do Rio Doce, ele distribuiu críticas a diversos setores da administração pública.

Atacou os gastos desnecessários do Serviço de Apoio à Pequena e Média Empresa (Sebrae), os funcionários públicos, a desorganização da Caixa Econômica Federal (-CEF), os autocratas e os que brigam por cargos.

Foi muito aplaudido ao afirmar que "jogar dinheiro público fora é a mesma coisa que roubar".

Impostos — O presidente defendeu sua mais recente medida anti-consumo — a elevação da alíquota de importação. "Quando o consumo está superaquecido, cabe ao governo desaquecê-lo", justificou.

Os elogios a seu próprio governo surgiam entre um ataque e outro. "O real é mais do que moeda; é símbolo de um País que saiu da inflação de 5.000% ao ano para 1% ou 2% ao mês", disse.

Aplaudido a todo instante pela

platéia, o presidente queixou-se dos gastos com publicidade do Sebrae que, segundo disse, tem receita de R\$ 450 milhões. "Esse dinheiro é do povo; está na forma de benesses, mas é imposto", criticou.

Em seguida, sugeriu que, com o dinheiro, o Sebrae criasse o "banco do pobre", como existe em Bangladesh, um país mais pobre que o Brasil.

Caixa — Fernando Henrique pediu tempo para a CEF voltar a financiar. "Não podemos fazer como no passado, quando a Caixa financiou a construção de moradias da classe média ou habitações mal planejadas".

A inficiência dos órgãos públicos foi outro alvo de Fernando Henrique. Ele disse ter visto nos jornais que a carência habitacional no Brasil varia de cinco a 15 milhões de residências.

"Como é possível governar um país, se não se sabe se é 15 ou 5 milhões?" O presidente então chamou a atenção do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

Até mesmo o Banco Central foi chamado de tecnocrata. "Me custou um ano para convercer o BC da necessidade da Corporação do Fomento Andino", disse.

Dida Sampaio/AE



O deck que desabou com jornalistas ficava perto de um precipício de 400 metros e do local em que se encontrava FHC

16 Forças Armadas contra protesto

O Exército, a Marinha, a Aeronáutica e a Polícia Militar mobilizaram 5.600 homens para proteger o presidente Fernando Henrique em Manaus, na visita que começou ontem à tarde e termina domingo.

O Gabinete Militar traçou roteiros alternativos a fim de evitar os pontos para os quais a Central Única dos Trabalhadores (CUT) programou manifestações.

A CUT planeja reunir pelo menos 5 mil pessoas em um protesto contra as reformas constitucionais, principalmente contra a da Previdência e a da quebra do monopólio do petróleo.

Os manifestantes se concentrarão em frente ao Instituto de Pesquisas da Amazônia (Inpa). Por isso, o Gabinete Militar deixou em aberto o local da reunião do presidente com cientistas do Inpa.

Ela poderá ocorrer no Hotel Tropical, onde a segurança é ostensiva. Desse modo, Fernando Henrique poderá sair apenas à tarde, para ir ao Parque do Mindu receber lideranças indígenas e de seringueiros.